

EDITORIAL

BRASIL-1964, ANTES E DEPOIS

No rugoso tecido da história brasileira do século XX, friccionaram-se impulsos democráticos e regimes políticos autoritários. O golpe civil-militar de 1964, que instaurou a ditadura alastrada até 1978 (REIS, 2014), observado sob o ângulo de suas raízes e da permanência de alguns de seus valores, segue, depois de 60 anos, demandando novas interpretações e abordagens transversais. Refletir, em território interdisciplinar, sobre os sentidos e consequências de uma “ruptura democrática” oferece importantes elementos para a compreensão da intrincada realidade nacional contemporânea, radicada em profundos desajustes estruturais e tributária de ideários conservadores e, quando pior, reacionários.

Adensando o debate, a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* apresenta, neste número, o Dossiê “Pensamento social e político brasileiro pós-1964: atores coletivos, instituições e mudança social”, idealizado e levado a termo pelos cientistas sociais Alexander Couto Englander (IESP/UERJ), Bernardo Ricupero (USP), Karim Helalay (UFRJ) e Leonardo Belinelli (UFRRJ). Ambicionou-se, especialmente, “investigar os impactos da ditadura civil-militar inaugurada em 1964 sobre o pensamento social e político brasileiro”, enfatizando continuidades e mudanças. Os organizadores partem do pressuposto de que “as ciências sociais brasileiras, tais como as conhecemos” se desenvolveram em resposta “ao golpe de 1964”. Assim, a noção de “impacto”, enquanto efeito duradouro nos planos social, político, cultural e econômico do país, baliza a visada crítica da Apresentação e dos sete artigos congregados no Dossiê, subscritos por intelectuais com notável atuação no campo universitário brasileiro e internacional.

“Temas e perspectivas plurais”, tendo em seu horizonte “o estilo conservador de nossa modernização”, encadeiam-se nos estudos “O ‘autoritarismo’ no pós-1964: as aventuras de um conceito?”, de Leonardo Belinelli e Bernardo Ricupero; “A dialética da demofobia em Florestan Fernandes: entre democracia forte e autocracia burguesa”, de Alexander Couto Englander, Ronaldo Tadeu de Souza e Thais Florencio de Aguiar; “Ainda o conservadorismo popular: variações contemporâneas de uma ideia renitente”, de Pedro Luiz Lima e Jorge Chaloub; “Democratização da cultura: Heloisa Buarque

de Hollanda e a crítica brasileira nos anos de 1970”, de André Botelho e Caroline Tresoldi; “O Grupo Somos, o jornal *Lampião*, o movimento LGBTI+ e a abertura política”, de James N. Green; “Pensamento e ciência social no pós-1964: da crítica classista e afrocentrada do dualismo ao seu resgate”, de Marco Antonio Perruso e Guilherme Pessoa; e “Experiências sociais de ativistas da Associação Cultural do Negro (1954-1976) e a contribuição do associativismo negro paulistano ao pensamento social brasileiro”, de Mário Augusto Medeiros da Silva. Questões conceituais; retomadas, releituras e emparelhamentos de uma rica bibliografia; abordagens de obras, de personalidades e de atores coletivos; intersecções temáticas (classe, raça e gênero); mapeamentos históricos no compósito terreno dos estudos de sociologia; a recuperação de testemunhos pulsantes etc. – todos esses pontos suscitam renovadas inflexões críticas. Os artigos debruçam-se sobre a nossa (traumática) história, sobre os complexos processos sociológicos, sobre a própria sociologia (suas linhagens, limitações, impasses e potencialidades), sublinhando heranças e persistências que comprovam o quanto o assunto Brasil-1964 mostra-se incontornável para se pensar o nosso presente (e o futuro).

A capa deste número, escolhida pelos organizadores do Dossiê, estampa *Praça da Sé* (1935), crayon sobre papel do artista e escritor japonês radicado em São Paulo Tomoo Handa, desenho salvaguardado no acervo de Mário de Andrade da Coleção de Artes Visuais do IEB/USP. Ao selecioná-la, os organizadores tencionaram, propositivamente, “reforçar a noção de esfera pública codificada pela ideia de praça e pelo fato de a Praça da Sé ter sido *locus*, especificamente, de comícios realizados no processo de redemocratização, que tiveram um importante papel durante o contexto” focalizado nos artigos. “Ou seja, a praça, ainda de acordo com os organizadores, surge como um conceito que nos possibilita chamar a atenção para ela como um espaço que pode contribuir para a solidificação de princípios democráticos ao permitir a realização da ideia de esfera pública”. Colocam-se, assim, forças coletivas em defesa da democracia fazendo frente a ondas autoritárias.

Outros quatro artigos não perdem de vista aspectos do sinuoso percurso histórico brasileiro, iluminando a área de geografia (e de sua transmissão didática) e a dos estudos literários e teatrais, embasados em atuais métodos de análise e interpretação.

“Themístocles Sávio e o ensino em geografia: um militar da Primeira República escritor de livros didáticos”, de Breno Viotto Pedrosa, ao focar a produção do autor do *Curso elementar de geografia* (1907), coloca em pauta a formação do campo de estudos de geografia no país, rastreando a sua institucionalização universitária. “Um agregado’ – um excerto de *Dom Casmurro* em três meios de publicação e suas possíveis leituras”, de Luiza Helena Damiani Aguilar, no trânsito entre literatura, sociologia dos textos e teoria da recepção, torna patente a diversidade de protocolos de leitura a partir dos diferentes suportes de divulgação (periódico, livro) de um texto literário. “Dois episódios petronianos em ‘Ci, Mãe do Mato’: um estudo de recepção dos clássicos em *Macunaíma*”, de Fabrício Sparvoli, vincula *Satyricon* de Petrônio, prosa satírica do século I d.C., à rapsódia de Mário de Andrade, de 1928, tecendo, de modo produtivo, ligações intertextuais entre “mito ameríndio, literatura clássica e literatura brasileira”. Em “Mário de Andrade, Alfredo Mesquita e o teatro moderno”, João Roberto Gomes Faria, um de nossos mais destacados estudiosos da dramaturgia

brasileira, oferece o programa da peça *Noite de São Paulo* (1936), de Alfredo Mesquita, texto pouco conhecido, inédito em livro, perfazendo, em termos contextuais, substancial recuperação documental das relações de Mário de Andrade com o teatro, expressão artística de pouco relevo no primeiro tempo modernista.

A seção Criação compartilha, em português e em inglês, “Acessibilidade e inovação: o IEB Minecraft como ferramenta para exploração de acervos”, de Pedro B. de Meneses Bolle, editor-executivo da *RIEB*. O texto expõe o protótipo de videogame de natureza pedagógico-lúdica, recriando o ambiente do IEB e de seus setores (Arquivo, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais), que podem produtivamente ser explorados por jovens. O autor participou, em dezembro/24, do evento Games for Change Türkiye Festival, na Bahçeşehir Üniversitesi (BAU), em Istambul, relatando a experiência do Instituto na criação do IEB Minecraft.

Em Documentação, Maurício Costa de Carvalho oferece-nos valiosa matéria arquivística de cunho privado. “Incursões no Fundo Milton Santos no acervo do IEB: a fotografia de Adalgisa Umbelina de Almeida Santos” compartilha o retrato, em estúdio, da mãe do reconhecido mundialmente geógrafo brasileiro, autor de *A natureza do espaço*, bem como outros itens arquivísticos de mesma matriz pessoal. O estudo dessa documentação amplifica o debate em torno dos registros memorialísticos de famílias negras no Brasil.

O livro *A renomeação do Brasil: a construção de uma identidade nacional pela ortografia* (2023), de Thiago do Nascimento Godoy, faz jus à resenha do linguista Marcos Dores, propiciando um fecundo diálogo no plano dos estudos de língua portuguesa sob o prisma histórico.

Os editores agradecem: aos setores de Arquivo e Coleção de Artes Visuais do IEB; aos professores à frente do Dossiê; aos pareceristas convidados; as sugestões da professora Telê Ancona Lopez; a colaboração dos professores Alexandre de Freitas Barbosa e Inês Gouveia; à especialista em artes visuais do IEB, Bianca Dettino; e à competente e colaborativa equipe editorial da *RIEB*: Pedro Bolle, Cleusa Conte Machado e Flávio Alves Machado.

Marcos Antonio de Moraes¹, Stelio Marras², Dulcília Helena Schroeder Buitoni³
Editores

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

3 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

REFERÊNCIA

REIS, Daniel Aarão (Coord.). *Modernização, ditadura e democracia (1964-2010)*. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre/ Objetiva, 2014. (SCHWARCZ, Lília Moritz (Dir.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*, v. 5).

SOBRE OS AUTORES

MARCOS ANTONIO DE MORAES é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).

mamoraes@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-7127-9254>

STELIO MARRAS é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).

smarras@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-4283-1107>

DULCÍLIA HELENA SCHROEDER BUITONI é professora sênior do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).

dbuitoni@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-2695-5529>

Recebido em 7 de dezembro de 2024

Aprovado em 10 de dezembro de 2024

MORAES, Marcos Antonio de; MARRAS, Stelio; BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Editorial – Brasil-1964, antes e depois. *Rev. Inst. Estud. Bras.* (São Paulo), n. 89, 2024, e10726.



Seção: Editorial

DOI: 10.11606/2316901X.n89.2024.e10726